

PERCEPÇÃO DE TRÊS GERAÇÕES SOBRE A ARBORIZAÇÃO NATIVA URBANA DE SÃO DOMINGOS, SC

Thays Bragagnolo*
Elisângela Bini Dorigon**

Resumo

A formação vegetal do Oeste catarinense é Mata Atlântica, a qual representa 6,7% de todas as espécies florestais do mundo. São Domingos, SC apresenta apenas 7% da vegetação nativa original. O objetivo deste trabalho foi verificar a percepção de três gerações sobre as árvores nativas na área urbana do Município. A coleta foi realizada por meio da caracterização da vegetação nativa no período da colonização mediante entrevistas com as três gerações, e da identificação das espécies atuais *in loco* por intermédio de inventário florístico. Para a primeira geração foram entrevistados os colonizadores, para a segunda, os pais da terceira geração, e para a terceira, os alunos do segundo ano do ensino médio da cidade. As análises e as interpretações dos dados das entrevistas foram trabalhadas em planilha Excel®, utilizando-se gráficos, tabelas, registros fotográficos e análise descritiva. Os resultados mostram que a primeira geração responsável pela supressão da mata original iniciou a agricultura e o comércio madeireiro, e apresenta conhecimento sobre a vegetação nativa. A segunda geração, responsável pela introdução de espécies exóticas, teve a percepção semelhante aos colonizadores, mas o conhecimento diante das espécies é menor. Já a terceira geração apresentou riscos de introduzir espécies exóticas pela falta de conhecimento, apresentou dificuldades em diferenciar nativo de exótico. Assim, tornam-se necessários projetos ambientais que aproximem o aluno da realidade local, bem como as demais gerações. Sugere-se a introdução de espécies nativas na arborização urbana, com acompanhamento contínuo, sem podas drásticas que tiram todo o formato natural dos espécimes.

Palavras-chave: Colonização. Arborização. Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

A formação vegetal do Oeste Catarinense é de Mata Atlântica, representando 6,7% de todas as espécies florestais do mundo; destas, 8.000 espécies são endêmicas desse Bioma (TELLES, 2008). São Domingos, SC, em razão da instalação de serrarias, apresenta apenas 7% (2.716 hectares) da vegetação original, da qual 23% (625,11 hectares) estão protegidos por lei no Parque Estadual das Araucárias (INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS, 2009).

A urbanização ocorreu com a vinda de imigrantes italianos e alemães do Rio Grande do Sul, que extraíram grande parte da vegetação para a formação de madeiras (DORIGON; KLUSKA; ALMEIDA, 2010). Desde então, a população não parou de crescer, e com isso cresceu também um conflito entre o meio urbano e as espécies nativas remanescentes, que eram compostas por alguns exemplares, como angico, araucária, aroeira, canelas, fumeiro-bravo, jerivá, mamica-de-cadela, pitangueira, entre outras (TERRA, 2007).

A falta de planejamento urbano e o alto crescimento populacional e geográfico favoreceram a supressão da vegetação. As cidades precisavam ser arborizadas, geralmente, com espécies exóticas, dificultando as gerações seguintes de conhecerem a vegetação nativa e alterando o ambiente natural dos centros urbanos, uniformizando-os e reduzindo sua biodiversidade (MACHADO, 2006).

Esse processo atingiu três gerações: a primeira, responsável pela supressão da vegetação; a segunda, tomada pelos modismos, inseriu espécies exóticas ou inadequadas; e, por último, a geração que desconhece a vegetação, sua importância e características. Surgiu, então, a necessidade de resgatar a história da vegetação nativa para planejar a arborização atual, com práticas de manejo adequadas.

*Graduanda em Ciências Biológicas na Universidade do Oeste de Santa Catarina; thays_bragagnolo@hotmail.com;

**Mestre em Ciências da Saúde Humana; Especialista em Fitopatologia; Especialista em Botânica; Professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina; ellibini@yahoo.com.br

O Oeste catarinense permaneceu com esse comportamento ao longo desses anos, em todas as etapas. Ainda assim, é possível aplicar ações para recuperar e preservar a mata nativa em São Domingos e nos demais municípios. Esta pesquisa objetivou verificar a percepção de três gerações diferentes sobre a vegetação nativa na área urbana do Município de São Domingos, SC.

2 METODOLOGIA

A área de estudo foi o Município de São Domingos, SC. Tem como base econômica a agricultura, com 9.491 habitantes, com italianos, alemães e poloneses. O clima é mesotérmico úmido e as temperaturas médias anuais são de 18 °C, com verões amenos e invernos rigorosos. A precipitação anual é de 1.930 mm (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO DOMINGOS, 2012).

Os solos são de média e alta declividade, como Cambissolos e Argissolos, ondulados e suavemente ondulados, como os Latossolos, Cambissolos e Argissolos. Ou seja, são argilosos, porosos, profundos e bem drenados, e, se derivados de basaltos, são cascalhosos, com relevo ondulado e montanhoso (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO DOMINGOS, 2012).

Para a coleta de dados buscaram-se estudos que relatam a história do Município, resgate de fotos e registros diversos dos moradores mais antigos da cidade. Foi elaborado um roteiro de entrevista, aplicado as três gerações para caracterizar a área de estudo e comparar a percepção das gerações diante da vegetação nativa.

Primeira geração (a mais velha): responsável por colonizar o município. Para identificá-la foi feita uma pesquisa com as pessoas mais velhas que ainda residem no município. O roteiro foi aplicado a 20 colonizadores acima de 65 anos, *in loco*. Durante a entrevista, falou-se sobre as famílias que aqui existiam e perguntou-se se essas pessoas ainda residem no município e se seria possível localizá-las para prosseguir a pesquisa.

Segunda geração: composta pelos pais da terceira geração. O questionário foi aplicado a 48 pais que receberam o roteiro de entrevista pelos filhos, o qual foi devolvido no dia seguinte.

Terceira geração: alunos do segundo ano do Ensino Médio de uma escola pública Estadual do município. A coleta de dados ocorreu nas próprias salas de aula, com a autorização prévia da direção da escola; 33 alunos participaram da pesquisa.

Voluntariamente, as três gerações responderam ao questionário e foram investigados o perfil e o conhecimento sobre a identificação e a importância da vegetação arbórea urbana. Foram aferidas as influências sobre a percepção do valor ambiental da arborização nativa na área urbana. Os dados foram comparados entre os diferentes grupos envolvidos. Todos os roteiros utilizados passaram por um pré-teste e foram analisados pelo Comitê de Ética para aprovação (CAAE 03004012.3.0000.5367).

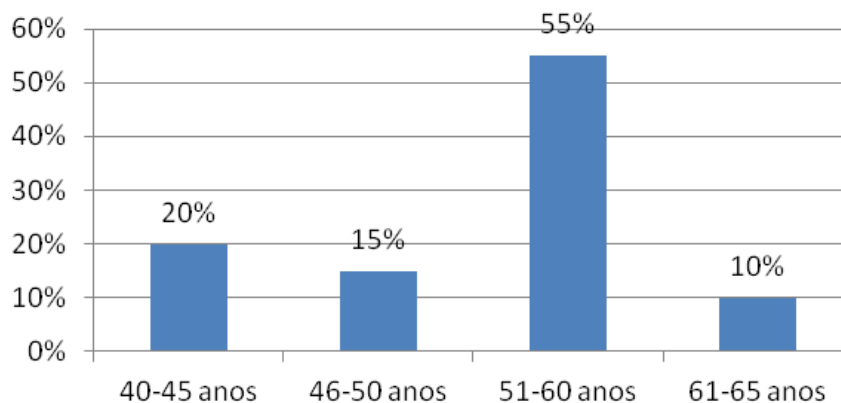
Para verificar a vegetação atual na arborização urbana e comparar à vegetação presente no período da colonização, foi realizado um inventário florístico na área urbana. Para identificar os espécimes foram consideradas todas as árvores das principais vias públicas do município, como a Rua Osvaldo Aranha, a Avenida Coronel Passos Maia, Rua Benjamin Constant, Rua Major das Ambujas, Rua Rui Barbosa e Avenida Irineu Bornhausen. A identificação foi realizada *in loco*, por meio de chaves botânicas.

As informações coletadas nas entrevistas e na identificação das espécies foram registradas e exploradas em planilha Excel®. A análise e interpretação dos dados foram feitas com a utilização de gráficos, registros fotográficos, tabelas e análise descritiva.

3 RESULTADOS

Os colonizadores apresentaram idade entre 66 e 80 anos de idade (85%). O município foi emancipado há 51 anos, em 1963, no entanto, percebe-se que a maioria dos entrevistados da primeira geração reside no município antes mesmo da emancipação, em meados de 1949 (Gráfico 1), com a vinda de imigrantes italianos e alemães do Rio Grande do Sul.

Gráfico 1 – Tempo de residência da primeira geração no Município de São Domingos, SC



Fonte: os autores.

Conforme os entrevistados, a vinda dos colonizadores para o Município de São Domingos, SC ocorreu principalmente no período de 1947 a 1961 (65% dos entrevistados), quando a mata era fechada, com uma ou duas estradas de terra de difícil acesso. Nesse período, iniciou-se a remoção da vegetação arbórea, com a necessidade de abrir caminhos. Esse trabalho, segundo os entrevistados, foi árduo, pois os recursos eram apenas carroças, facão, foice, ou seja, trabalho braçal.

Com a derrubada das matas, conseqüentemente, também iniciaram-se a agricultura e as atividades madeireiras. Muitos entrevistados madeireiros disseram que migraram de estados como o Rio Grande do Sul onde também desenvolviam essa atividade com parte de sua equipe de funcionários. O comércio madeireiro apreciava a madeira do Sul brasileiro, que se tornou a principal atividade industrial a partir de 1945.

A colonização do Município de São Domingos teve início basicamente com 20 famílias. A primeira família chegou nessa localidade em 1906, quando o local era chamado de Campos de Palmas e havia caboclos que viviam da erva-mate. A agricultura fixou os colonizadores e colocou o Estado como maior pólo agroindustrial. Tudo começou em razão do baixo preço das terras e sua alta qualidade (BORTOLI; CABRAL, 1996).

A exploração do solo ocorreu de forma intensa nesse período, 85% dos entrevistados afirmaram que não havia preocupação com a utilização do solo e com o meio ambiente. O objetivo era a geração de lucros. Segundo Lindenmeyer (2009), havia muitas madeireiras e muita mata naquela época. As árvores eram queimadas para abrir espaços, ou serradas em tábuas para edificar casas, paióis, cercados, móveis, pontes e recipientes para guardar bebidas e alimentos.

A geração de colonizadores teve a oportunidade de conhecer as espécies nativas que constituíam a mata local. De acordo com as entrevistas, foram citadas 54 espécies diferentes; 18% delas foram citadas por todos os entrevistados (Tabela 1).

Tabela 1 – Conhecimento das três gerações diante das 54 espécies

Nome popular / Nome científico	Gerações (%)			Nome popular / Nome científico	Gerações (%)		
	1ª	2ª	3ª		1ª	2ª	3ª
Açoita cavalo – <i>Luehea divaricata</i>	90	73	15	Guavirova – <i>Campomanesia pubescens</i>	90	92	82
Angico – <i>Parapiptadenia rigida</i>	100	98	90	Imbuia / Canela lora – <i>Ocotea porosa</i>	70	75	36
Areticum – <i>Annona squamosa</i>	80	90	88	Ipê-amarelo – <i>Tabeuia chrysotricha</i>	85	88	88
Arocira Piriquireta – <i>Schinus molle</i>	40	75	42	Ipê-roxo – <i>Handroanthus heptaphyllus</i>	85	90	85
Bracatinga – <i>Mimosa scabrella</i>	100	90	27	Jabuticaba – <i>Plinia tunciflora</i>	95	94	94
Bugreiro – <i>Lithraea brasiliensis</i>	45	81	21	Jacatirão-açu – <i>Miconia cinnamomifolia</i>	0	96	6
Butiazeiro – <i>Butia capitata</i>	55	83	79	Jaracatiá / Mamoeiro – <i>Jacaratia spinosa</i>	35	73	21
Cabreúva – <i>Myrocarpus frondosus</i>	100	81	39	Louro-Pardo	80	77	15
Cambuata – <i>Matayba elaeagnoides</i>	45	81	21	Mamica de cadela	85	75	18
Canafístula – <i>Peltophorum dubium</i>	45	73	3	Manacá-da-serra – <i>Tibouchina sellowiana</i>	15	71	3
Canela do Brejo – <i>Machaerium paraguariense</i>	50	85	24	Maria preta – <i>Diospyros inconstans</i>	90	88	12
Canela-amarela – <i>Nectandra lanceolata</i>	100	88	21	Maricá – <i>Mimosa bimucronata</i>	50	81	12
Canela-guaicá – <i>Ocotea puberula</i>	80	77	12	Marmeleiro – <i>Cydonia oblonga</i>	90	81	21
Canjerana – <i>Cabralea canjerana</i>	60	83	9	Palmeira-Jerivá – <i>Syagrus romanzoffiana</i>	100	73	6
Carapicho – <i>Desmodium uncinatum</i>	45	71	27	Pata-de-vaca – <i>Bauhinia forficata</i>	100	81	52
Caroba – <i>Jacaranda puberula</i>	45	69	6	Pau-Marfim – <i>Balfourodendron riedelianum</i>	30	73	9
Carvalho – <i>Roupala brasiliensis</i>	50	77	33	Pau-sange – <i>Croton celtifolius</i>	5	69	9
Cedro – <i>Cedrela fissilis</i>	100	92	70	Pessegueiro bravo – <i>Prunus sphaerocarpa</i>	90	81	55
Corticeira – <i>Erythrina crista</i>	40	81	15	Pinheiro-brasileiro – <i>Araucaria angustifolia</i>	100	100	67
Erva mate – <i>Ilex paraguariensis</i>	100	98	88	Pitangueira – <i>Eugenia uniflora</i>	90	90	79
Espinheira-santa – <i>Maytenus ilicifolia</i>	90	96	55	Rabo de bugio – <i>Lonchocarpus guillemianus</i>	85	81	36
Fumo-brabo – <i>Solanum mauritianum</i>	80	83	21	Sete capota – <i>Campomanesia guazumifolia</i>	90	79	21
Grábia – <i>Apuleia leiocarpa</i>	90	85	30	Tarumã – <i>Vitex megapotamica</i>	100	73	18
Guajuvira – <i>Patagonula americana</i>	65	88	45	Timbó – <i>Ateleia glazioviana</i>	80	79	15
Guamirim – <i>Myrcia multiflora</i>	40	81	24	Uvaia – <i>Eugenia uvalha</i>	85	81	27
Guaricica – <i>Vochysia bifalcata</i>	0	66	3	Vassourão-preto – <i>Vernonanthura discolor</i>	55	73	24
Guatambu – <i>Balfourodendron riedelianum</i>	45	71	9	Xaxim – <i>Dicksonia sellowiana</i>	80	75	52

Fonte: os autores.

Para esse grupo, as espécies, bem como sua importância, são conhecidas. O conhecimento prático é evidente nesse público. Em relação ao grau de escolaridade, apenas 5% do grupo apresentaram escolaridade superior à oitava série, e 55% apresentaram escolaridade inferior à quarta série.

O desenvolvimento urbano do município aconteceu de forma intensa com a segunda geração, a qual atualmente apresenta idade de 41 a 46 anos; destes, 57% residem no município há mais de 27 anos e 23% afirmaram que seus pais e/ou avós são naturais do local.

Da segunda geração, 96% disseram saber o que são árvores nativas, porém, quando questionados sobre as árvores exóticas, apenas 58% responderam corretamente. Assim, visualiza-se que a segunda geração apresenta dificuldade para diferenciar as espécies nativas das exóticas.

As espécies nativas mais conhecidas pela segunda geração foram: angico (98%), areticum (90%), bracatinga (90%), erva-mate (98%), espinheira-santa (96%), guavirova (92%), ipê-roxo (90%), jabuticaba (94%), conhecem jacatirão-açu (96%), pinheiro-brasileiro (100%), e a pitangueira (90%).

A única espécie citada pela primeira geração e conhecida por todos os entrevistados da segunda geração foi o pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*). Outras espécies como Louro-pardo (*Cordia trichotoma*), Rabo-de-mico (*Lonchocarpus leucanthus*), e Timbaúva (*Enterolobium contortisiliquum*) não foram citadas como conhecidas pela segunda geração.

Em relação à substituição das espécies nativas por exóticas, observou-se que 4% acreditam que não há problema na substituição. Reconhecidamente, o saber é transmitido de gerações para gerações, desse modo, a segunda geração tem papel fundamental no conhecimento dos jovens sobre a importância das espécies.

A segunda geração foi responsável por implantar a arborização urbana no município. Conforme dados coletados *in loco* (Tabela 2), observou-se que apenas 29 espécies (redução de 47% do período de colonização) compõem a arborização urbana, e destas, 52% são exóticas.

A segunda geração foi indagada sobre os riscos que as árvores inadequadas causam no meio urbano: estouram calçadas e asfaltos (44%), caem em residências (35%), atrapalham a fiação da rede elétrica (42%), estouram encanamentos de água e esgoto (25%), provocam alergia à população (2%); 13% dos entrevistados não observaram riscos à população.

A primeira e a segunda geração, embora com a detenção do conhecimento prático, não obtiveram em sua formação escolar práticas de educação ambiental, pois esta tornou-se lei em 27 de abril de 1999, com a Lei n. 9.795. Já a geração de jovens (idade média de 15,9 anos, com 82% dos entrevistados com 16 anos) de São Domingos, SC foi marcada por movimentos ambientalistas, como a Rio 92, a Agenda 21, Rio + 20, bem como a criação do Pronea (Programa Nacional de Educação Ambiental), em 1994, pelo governo brasileiro.

Tabela 2 – Espécies presentes na arborização urbana de São Domingos, SC

Nome popular	Nome Científico
Araucária	<i>Araucaria angustifolia</i>
Chorão	<i>Salix babylonica</i>
Aroreira-piriquita	<i>Schinus molle</i>
Cipreste	<i>Juniperus chinensis</i>
canela-de-ceilão	<i>Cinnamomum zeylanicum</i>
Grevilha	<i>Grevillea robusta</i>
Cipreste	<i>Cupressus arizonica</i>
Falso-barbatimão	<i>Cassia leptophylla</i>
Eucalipto-prateado	<i>Eucalyptus sp</i>
Uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>
Ameixa-de-inverno	<i>Eriobothrya japonica</i>
Ipê-amarelo	<i>Handroanthus crysotrichus</i>
Tipuana	<i>Tipuana tipu</i>
Guajuvira	<i>Cordia americana</i>
Pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i>
Laranja-comum, laranjeira	<i>Citrus sp</i>
Angico vermelho	<i>Parapiptadenia rigida</i>
Ligustro	<i>Ligustrum lucidum</i>
Pêra-ferro	<i>Pyrus communis</i>
Erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i>
Jerivá	<i>Syagrus ramonzoifiana</i>
Guavirova	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>
Chapéu-de-sol	<i>Terminalia catappa</i>
Oleandro	<i>Nerium oleander</i>
Camboatã	<i>Matayba eleagnoides</i>
Butiá, Butiazeciro	<i>Butia eriospatha</i>
Erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i>
Falsa-canela	<i>Cinnamomum burmannii</i>
Magnólia	<i>Magnolia ovata</i>

Fonte: os autores.

A geração de jovens recebeu, por meio da educação, o conhecimento e a possibilidade de transmitir às futuras gerações conceitos de sustentabilidade e meio ambiente. Atualmente “Educação Ambiental” é o tema mais discutido nas disciplinas de ciências humanas e sociais nas escolas (MARCATTO, 2002).

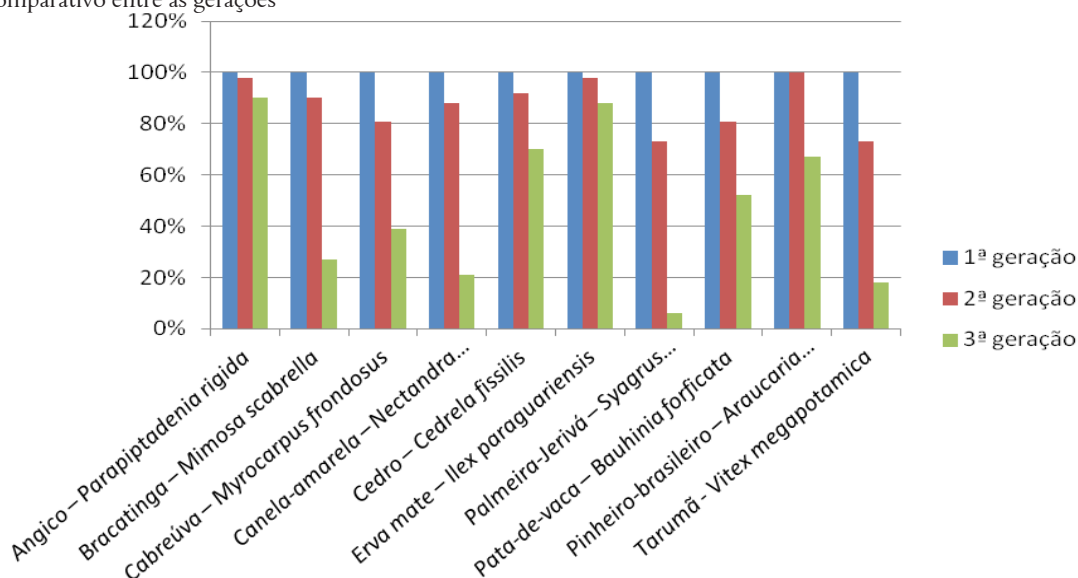
Da terceira geração (jovens), 70% nasceram e cresceram no Município, convivendo com as espécies implantadas na arborização urbana.

As espécies nativas mais conhecidas pela terceira geração foram: angico (90%), areticum (88%), butiazeiro (79%), cedro (70%), espinheira-santa (55%), guajuvira (45%), guavirova (82%), ipê-roxo (85%), jabuticaba (94%), pata-de-vaca (52%), pessegueiro-bravo (55%), pitangueira (79%) e xaxim (52%).

Mas essa geração afirma não conhecer espécies como aroeira-piriquita (58%) e palmeira-jerivá (94%), que são nativas do local e estão na arborização urbana atual. 97% dos entrevistados não conhecem canafístula.

No Gráfico 2, verifica-se um comparativo entre as gerações sobre as principais espécies florestais nativas.

Gráfico 2 – Comparativo entre as gerações



Fonte: os autores.

Mesmo com tanta polêmica sobre a extração e a conservação das preciosas *Araucaria angustifolia*, 33% da terceira geração disseram não conhecê-la, sabendo que o Município de São Domingos é considerado a Capital Catarinense das Araucárias, pois nele está presente o Parque Estadual das Araucárias (SÃO DOMINGOS, 2012). Além disso, a floresta de araucárias compõe um dos biomas mais raros do mundo, por abrigar rica biodiversidade e poder ser uma fonte de renda quando em conjunto com projetos de educação ambiental e sustentabilidade (MACHADO; GOMES, 2011).

Consideravelmente, o conhecimento entre as gerações reduziu ao longo do tempo. A geração jovem pesquisada desconhece a maioria das espécies nativas e 57% não vêem a importância da vegetação para equilibrar o meio ambiente. No entanto, quando questionados sobre os riscos da inserção das espécies inadequadas, responderam que podem quebrar calçadas e asfaltos (66%), cair em residências (58%) ou estourar encanamentos de água e esgoto (45%). Salientaram a necessidade de haver estudos específicos de arborização urbana, para que ela não seja uma ameaça à população, mas um meio mais harmônico, prazeroso de viver.

Segundo Gomes e Amorim (2003), locais bem arborizados apresentam clima diferenciado, ou seja, a arborização ameniza as altas temperaturas e reduz a velocidade dos ventos, visto que há estudos que indicam espécies que reduzem índices de radiação solar.

Para que haja sucesso no planejamento da arborização urbana, a interação entre o homem e as árvores torna-se um fator modulador, ou seja, depende exclusivamente do homem para haver bons resultados em cada fase da arborização (MALAVASI; MALAVASI, 2001).

Desse modo, observa-se que a terceira geração não está satisfeita com o arborismo de sua cidade, pois 45% vêem a necessidade de inserir espécies nativas com identificação, proporcionando conhecimento para toda a população.

Todas as gerações entrevistadas consideraram importante manter a vegetação nativa, principalmente em locais com nascentes, para haver equilíbrio entre o uso do solo e da mata e, para isso, considera-se importante o manejo. A falta de planejamento urbano gera conflitos entre o homem e a natureza, podendo resultar em riscos que envolvam construções, vias públicas, fiações elétricas, entre outros problemas, dependendo da localização e da espécie arbórea envolvida (DORIGON; KLUSKA; ALMEIDA, 2010).

O processo de desmatamento e mais tarde a arborização atingiram três gerações. A primeira, responsável pela supressão da vegetação, a extrativista. Depois surgiu a geração que, com conhecimento limitado sobre as espécies nativas, preocupada em arborizar e tomada pelos modismos, inseriu espécies exóticas ou inadequadas, e, por último, surge a geração que desconhece a vegetação, sua importância e suas características.

4 CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados com as três gerações, foi possível analisar o conhecimento e a importância de espécies arbóreas nativas desde o período de colonização até a atualidade.

A primeira geração, responsável por colonizar e extrair grande parte de mata nativa, iniciou a agricultura e o comércio madeireiro. Apesar de ser a que mais desmatou, é a geração que mais conhece as espécies e a que mais valorizava-as, pois cada árvore era utilizada nas construções, na culinária, e até mesmo na identificação de plantas para fins medicinais, ou pela sua toxicidade e reações alérgicas.

Já a segunda geração (geração adulta atual) é responsável por introduzir espécies exóticas na arborização urbana. Quando comparada à primeira geração, observa-se que a percepção diante das espécies é semelhante, mas o conhecimento diante delas é menor.

Enfim, a terceira geração, alunos do segundo ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual, filhos da segunda geração, foi marcada por movimentos ambientalistas da década de 1990. Essa geração apresenta riscos de introduzir espécies exóticas, por terem dificuldades em diferenciar espécies nativas de espécies exóticas. Isso é resultado da interferência de livros didáticos que se baseiam em espécies exóticas para transmitir conhecimento aos alunos (SILVA; FARINA; LOURENÇO, 2012). Resultado também da falta de projetos ambientais que aproximem o aluno da composição arbórea nativa de sua localidade. Isso acaba prejudicando a diferenciação entre nativas e exóticas, facilitando o ato de introduzi-las em nosso meio.

Referente ao conhecimento e à importância das espécies, a terceira geração também conhece espécies semelhantes às da primeira e da segunda geração, mas apresentaram dificuldade em reconhecer espécies como a *Araucaria angustifolia*, lembrando que o Município é considerado a Capital Catarinense das Araucárias.

No entanto, diante da comparação entre as gerações, observa-se a necessidade e a importância de introduzir projetos de educação ambiental que possam abranger todas as gerações, e na arborização urbana, com a introdução de espécies apropriadas e nativas, as quais podem dar a verdadeira identidade ao município. Para isso é necessário ter um acompanhamento contínuo, desde o plantio até a poda das árvores, esta que não deve ser drástica e tirar todo o formato natural dos espécimes.

Perception of three generations about the urban native forestation of São Domingos, SC

Abstract

The plant formation of Western Santa Catarina is Atlantic Forest, which represents 6.7% of all forest species of the world. São Domingos, SC has only 7% of the original native vegetation. The objective of this study was to investigate the perception of three generations about the native trees in the urban area. Data collection was performed by the characterization of native vegetation in the period of colonization through the interviews with the generations, and the identification of current species in situ through floristic inventory. For the first generation, settlers were interviewed, for the second, the parents of the third generation, and for the third, students of the second year of high school of the city. The analysis and the interpretation of the interview data were worked in Excel spreadsheet, using graphs, tables, photographic records and descriptive analysis. Results show that the first generation, though, responsible for original forest suppression, initiated the agricultural and timber trade, presents knowl-

edge on native vegetation. The second generation, responsible for the introduction of exotic species, had a similar perception to the settlers, but the knowledge of species is smaller. The Third Generation presented risks of introducing exotic species because of the lack of knowledge, presented difficulties to differentiate native and exotic. Thus, environmental projects that bring the student to the local reality became necessary, as well as the other generations. It is suggested the introduction of native species in urban forestation, with continuous monitoring, without drastic pruning that take all the natural shape of the specimens.

Keywords: Colonization. Afforestation. Knowledge.

REFERÊNCIAS

- BORTOLI, Idelma; CABRAL, Edmir. **Todos os dias São Domingos**. 1. ed. São Domingos: Divina Letra, 1996.
- DORIGON, Elisângela Bini; KLUSKA, Moisés; ALMEIDA, Aline Ane de. Vegetação nativa e a urbanização: riscos oferecidos pelas espécies vegetais nativas na área urbana da região de Xanxerê – SC. **Unoesc & Ciência – ACBS**, Joaçaba, v. 1, n. 1, p. 71-78, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/acbs/article/viewFile/139/pdf_4>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- GOMES, Marcos Antônio Silvestre; AMORIM, Margarete Cristiane de Costa Trindade. Arborização e conforto térmico no espaço urbano: estudo de caso nas praças públicas de Presidente Prudente (SP). **Caminhos de Geografia**, v. 7, n. 10, p. 94-106, 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15319>>. Acesso em: 18 abr. 2014.
- INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Atlas dos Remanescentes da Mata Atlântica**. Resultado por Município, Período 2005-2008. Disponível em: <www.sos.Mataatlantica.org.br>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- LINDENMEYER, Pedro Marcon. Colonização e devastação no planalto oeste catarinense. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis: Ed. UFSC, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/viewFile/140/159>>. Acesso em: 13 mar. 2013.
- MACHADO, Débora; GOMES, Cerize Nascimento. O perfume das pitangueiras de Turvo (PR), impressões sobre a parceria entre a COOPAFLORA de Turvo (PR) e Natura do Brasil. **Revista Científica do Iº Seminário de Pesquisa, Iniciação Científica e Extensão da Faculdade Guarapuava**, n. 1, p. 184-196, 2011.
- MACHADO, R. B. et al. Árvores nativas para a arborização de Teresina, Piauí. **Revista da sociedade brasileira de arborização urbana**, v. 1, n. 1, p. 10-17, 2006.
- MALAVASI, Ubirajara Contro; MALAVASI, Marlene de Matos. Avaliação da arborização urbana pelos residentes – Estudo de caso em Marechal Cândido Rondon, Paraná. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 189-193, 2001. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/cienciaflorestal/article/view/504>>. Acesso em: 18 abr. 2014.
- MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: FEAM, 2002.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO DOMINGOS. **Dados históricos**. Disponível em: <www.saodomingos.sc.gov.br>. Acesso em: 18 abr. 2014.
- SILVA, Lenir Maristela et al. Inventário de Arborização em duas vias de Mariópolis/PR. **Rev. SBAU**, Piracicaba. v. 3, n. 1, p. 36-53, 2008. Disponível em: <http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos_cientificos/artigo34.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- TELLES, Gelcira. **Florianópolis marca Dia da Mata Atlântica com plantio de mudas na Lagoa do Peri**. Conselho Regional de Biologia – 3º Região, 2008. Disponível em: <<http://www.crbio-3.gov.br/noticias/index.php?ano=2009&mes=7&id=2686&idcategoria=7>>. Acesso em: 29 ago. 2009.
- TERRA, Consultoria em engenharia e meio ambiente. **Relatório de Impacto ambiental RIMA: Implantação da pequena central hidrelétrica – PCH Santa Luzia Alto**. São Domingos: [s.n.], 2007. Disponível em: <https://www2.opic.gov/vironasp/eia/santaluzia/rima/RIMA_PCH_Santa_Luzia.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2012.